

Do velho Portugal uma cultura nova

Armando Blanco

A OBRA completa de José Cardoso Pires deverá ser em breve lançada no Brasil por uma editora carioca. Eis uma notícia auspiciosa, que talvez implique em uma pergunta imediata, por parte do leitor: — Quem é José Cardoso Pires?

Faz pouco tempo, tive ocasião de apontar, a um dos mais ativos ensaístas brasileiros, uma série de obras significativas da moderna literatura portuguesa — ensaio, poesia, teatro, romance. Algo mais do que os três ou quatro nomes habitualmente citados entre nós e, mesmo assim, quase sempre de oitiva: José Régio, Miguel Torga, Gaspar Simões, Fernando Namora.

O ensaísta em questão é homem de espantosa capacidade de leitura. Foi a uma livraria da Rua Miguel Couto, especialista em livros portugueses, e levou para casa vultoso carregamento: Rodrigues Miguéis, Manuel da Fonseca, José Gomes Ferreira, Agustina Bessa Luís, Alves Redol, Rogério de Freitas, Orlando da Costa, Urbano Tavares Rodrigues, Augusto Abelaira, Branquinho da Fonseca, Virgílio Ferreira, enfim, o material disponível na ocasião. De quebra, alguns ensaístas de horizontes para ele surpreendentemente amplos: Antônio José Saraiva, Oscar Lopes, Jacinto do Prado Coelho, Alexandre Pinheiro Tóres, creio que, também, pesquisadores e sociólogos, como Joel Serrão, Alberto Ferreira. **Flaúsinio Torres, e os modernos portais lírico/sociais,** os que, em um contexto atual, desenvolveram a linha participante de que são patronos Gomes Leal e Guerra Junqueiro (ou, no caso de Gomes Ferreira, até mesmo um João de Deus); os que, em épocas de ribombante retórica e reprimidas angústias existenciais, elevaram o estro para além dos páramos solitários ou sebastianistas, procurando inserir-se na vida coletiva e traduzir-lhe os espantos e os sofrimentos.

Como pode?

Para o ensaísta, foi a revelação de um mundo literalmente desconhecido e duplamente fascinante: 1) uma cultura tradicionalmente rica não estava morta, na realidade não fora destruída, como se trombeteara com propósitos subalternos; 2) persistia o paralelismo de caminhos entre as formas mais representativas das duas literaturas, ambas se perseguindo e completando como ramos do mesmo tronco.

A literatura portuguesa não organizara com os movimentos do *Orfeu* e da *Presença*; o surto neo-realista coimbrão, em 45, desencadeara revolução consumada na década dos anos 50 com a consagração dos corifeus da escola e dos jovens que, entretanto, alçavam voo animado pela *praxis* de Fernando Pessoa — a que confere ao artista a dignidade de servir e não de servir-se.

Uma tarde, descia o ensaísta a Rio Branco com um romance do ciclo *Port Wine* de Redol sob o braço. Encontra um amigo, secretário de redação de um matutino, que o saúda aos brados:

— Vejam só. Lendo romance português. Como pode?

Escutou-se o ensaísta na valia de sua abertura recente. Vinha de redescobrir o Velho Portugal (por favor não confundir com *Portugal Meu-Avôzinho*) e, mais do que isso — explicou —, talvez um Portugal novo, forjado e desenvolvido culturalmente à revelia das gerações brasileiras pós-getulianas. Um Portugal apaixonadamente voltado para a criação literária, editando milhares e milhares de títulos por ano e mantendo revistas culturais de nível internacional, entre elas "O Tempo e o Modo", "Seara Nova" e "Vértice", perfeitamente sincronizadas com os fluxos e refluxos do pensamento, em todos os quadrantes.

Também o Brasil e seus expoentes culturais continuavam empolgando as tertúlias, a tal ponto que muito poeta jovem andou calcando seus vagidos de estreante nos ver-



José Cardoso Pires

CARTILHA DO MARIALVA

dos de Bandeira, Drummond e João Cabral, enquanto romancistas das últimas safras, sobretudo alentejanos e ribatejanos, como Antunes da Silva, se abeberavam sem reservas na fonte do mesmo Graciliano.

Do lado de cá, porém — e o ensaísta havia sido exemplo disso —, tudo se fôra reduzindo à catapora infantil das seletas: Portugal virou o país de Camões e do Bêa, do Herculano e do Castilho, o país folclórico dos vinhedos ao Norte e das amendoeiras floridas ao Sul, um país onde as pessoas falam português com sotaque e se distinguem pela simplicidade de costumes e boas maneiras sociais. Um país em suma, ainda dominado pelo barroco, na vida cotidiana como nas artes: um melômano a quem proporcional a audição de algumas composições de Fernando Lopes Graça, identificou apenas, no incançável ourives da música portuguesa, o zeloso guardador de um riquíssimo patrimônio musical; um amigo, a quem ofereci • "Malhadinhas", obra-prima de Aquilino Ribeiro, deslumbrou-se com a forma, mas não pareceu avaliar a densidade do conteúdo.

A perspectiva

Mais à esquerda, no limbo imune ao saudosismo e ao verbo do épico camoniano, a concepção é igualmente positiva. Paulo Rocha, autor de dois filmes internacionalmente premiados — "Os Verdes Anos" e "Mudar de Vida", descreveu, num debate em Lisboa, a perspectiva de que o encararam no Brasil, quando de sua primeira visita:

— Nossos amigos brasileiros nos vêem de duas maneiras: uma, como intelectuais de um país turístico, o tal jardim à beira-mar plantado onde gorgreja a Amália; outra, como intelectuais sob um determinado regime. Em ambos os casos, consideram que nada temos a dizer-lhes. Há uma ignorância generalizada acerca do que fazemos, dos nossos problemas, das nossas lutas, de nossos acertos como de nossos erros.

Um dos filmes de Paulo Rocha, "Os Verdes Anos", foi vendido para a França, Alemanha, Canadá e outros países. Em uma só noite foi visto por dois milhões de pessoas, através da TV francesa. É desconhecido no Brasil, onde cinema português continua a ser sinônimo de "A Severa" e "Capas Negras", fado & outras vagabundagens.

Um dos mais notáveis romances portugueses deste século — "Uma Abelha na Chuva", de Carlos de Oliveira, retrato da decadência das grandes casas senhoriais — está no momento sendo fil-

mado por Fernando Lopes, o diretor de "Belarmino". Virá alguma vez aqui? Quantos, deste lado do Oceano, conhecem a importância vital de Carlos de Oliveira na moderna literatura portuguesa? Quantos conhecem o filme anterior de Fernando Lopes, audaciosa incursão nos domínios do Cinema-Verdade?

Quantos — para mantermos a questão no plano cinematográfico — conhecem a obra de Manuel de Oliveira, cujos filmes, de "Douro, Faina Fluvial" a "A Caça", integram hoje o acervo das principais cinematecas do mundo? Quem se animou a mover uma palha para que um filme como "Crime na Aldeia Velha", de Manuel Guimarães, baseado na peça homônima de um dos mais destacados dramaturgos portugueses contemporâneos — Bernardino Santarém — conseguisse uma vaga nos cinemas do Brasil, após dois anos de mofa na bagagem do ator que o trouxe com esperança de mostrá-lo ao público?

São perguntas que completam as outras: — Quem é José Cardoso Pires? — Como é que pode ler romance português?

E, no entanto, ao chegar agora ao Brasil, a obra cosmogônica de José Cardoso Pires — "Os Caminheiros", "O Hóspede de Job", "O Anjo Anorado", "Cartilha do Marialva" (ágil e arguta meditação sobre o medievalismo contemporâneo), "O Render dos Heróis", "Jogos de Azar" e o entre todos admirável e mais recente "O Delfim", um poliedro de várias faces, uma nova representação da realidade que ultrapassa os limites convencionais da narração, como em Cortázar, mas com o sal do espírito português — já circula praticamente em toda a Europa, vertida para o francês, o italiano, o alemão, o inglês.

Seria interessante indagar das seueries literárias infantilo-juvenis e especialistas em Styron, Burroughs, Lorentz e poetas menores e alienantes da Village Voice, se alguma vez ouviram mencionar José Cardoso Pires. Provavelmente, sorririam com desdém. Ora, José Cardoso Pires... Para quê trocar o uísque pela aguardente de cantil?

Enfim, é uma questão de vento que nos últimos anos soprou do Norte (Cardoso Pires ainda não figurou nos 10 mais do Time) e foi desmontando, em sua passagem, exatamente o que nos deveria ser mais grato — a outra face de uma civilização que, queiramos ou não, foi cavoucada aqui por homens que tinham uma cultura. Uma cultura que continua e rejuvenesce, forrada de arame farpado, como diria Gomes Ferreira, que, por demasiado viva, se habituou às indiferenças e às intempéries.